



PAÍS E PAISAGEM NA ALMA DO POVO NORTE-AMERICANO¹

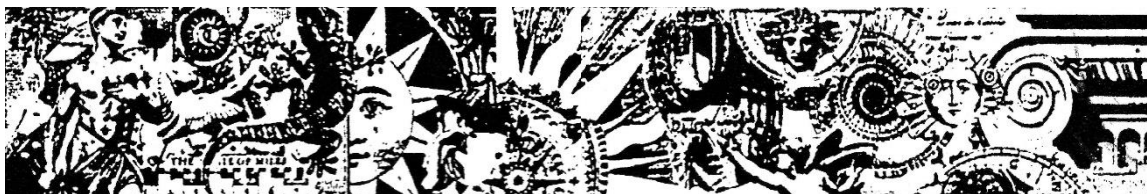
■ FRIEDRICH RATZEL [1844-1904]

Traduzido por JÖRN SEEMANN (*Ball State University*)

Revisado por BRENO VIOTTO PEDROSA (UFRGS)

Recebido em: 10/07/2019

Aprovado em: 22/10/2019



Ainda que todos os escritos sobre o caráter social e político dos 70 milhões que vivem sob a bandeira estrelada² iniciem com a confissão de que é quase impossível analisar a alma de uma multidão tão grande e colorida, gostaríamos de fazer uma exceção e perguntar, como geógrafos, sobre o que deve estar na alma deste povo, por força da situação [geográfica]³ dos Estados Unidos da América entre 49 e 25 graus de latitude norte e entre os Oceanos Atlântico e Pacífico, por força dos grandes traçados da sua divisão de montanhas e grandes rios e por força dos pequenos elementos da sua

¹ Do original “*Land und Landschaft in der nordamerikanischen*”, publicado na *Deutsche Monatsschrift für das gesamte Leben der Gegenwart*, v.10, p.523-538, 1902.

² *Star-spangled banner* é ao mesmo tempo a bandeira americana e o título do hino nacional. A letra da música foi criada em 1814 pelo advogado Francis Scott Key, inspirado pela Guerra de 1812 (Guerra Anglo-Americana) entre os Estados Unidos e o Império Britânico. (N.T.)

³ O termo *geographische Lage* também é traduzido como posição geográfica, no sentido de avaliar as vantagens e desvantagens de fatores geográficos para povoados, regiões, países e continentes. (N.T.)

paisagem, descendo até o sabiá⁴ e o rododentro perfumado.⁵ Pois, partimos da visão de que o julgamento de um povo será facilitado essencialmente quando se pergunta primeiro por aqueles efeitos do meio ambiente que estarão aí tão seguramente como a natureza se espelha em nossos olhos. Com isso, portanto, esses efeitos realmente não devem ser postos como reflexões simples. Eles são mais do que isso, porque não desaparecem com o objeto que os lançou na superfície do espelho, mas permanecem ocultos; assim sendo, pode-se compará-los com imagens em lâminas sensíveis, sendo que a comparação poderia ser feita claramente pela referência do quê, através da aplicação de certas substâncias na imagem é causticado no vidro, de modo que nada poderá borrá-las, revelando as influências ambientais que se tornarão mais profundas e nítidas através do processo de cauterização do tempo”.

Nos Estados Unidos da América, existe um conselho comum: “*Go West, young man, and grow up with the country*”.⁶ Então, crescer com o país, o que seria senão um crescimento mais íntimo em conjunto *com* o país?⁷ Isso só pode acontecer quando a alma se expande para ser capaz de abranger os vastos espaços que sempre se abriam lá, além das regiões habitadas e cultivadas, que ainda hoje, em uma expansão imensa mesmo que não vazia de homens como antigamente, se estendem rumo ao oeste a partir das áreas densamente habitadas do Atlântico. Na sua grande obra “*The Winning of the West*” (4 volumes, 1898), Theodor Roosevelt, atual presidente dos Estados Unidos, apontou para a coincidência do grande crescimento do seu país com a independência; logo após a conquista da sua existência independente seguiu-se a expansão nas bacias dos rios Ohio e Kentucky, que foi levada até o Oceano Pacífico. Esse estadista historiador elucidou o fato de que foi sob a bandeira estrelada e não sob a bandeira da Inglaterra que os norteamericanos de língua inglesa expandiram sua área para o oeste, que tinha sido reivindicado pelos espanhóis e franceses. Nas batalhas que acompanharam a Guerra dos Sete Anos na América⁸, a Inglaterra tinha preparado essa expansão através da derrubada da regência francesa. Contudo, foi apenas com o sentimento da posse total do país que o

⁴ *Spottvogel* no original, o que se refere a qualquer espécie de pássaro que imita o canto de outras aves. (N.T.)

⁵ Parente da azaleia e arbusto lenhoso com flores que ocorre frequentemente nos Apalaches. (N.T.)

⁶ Inglês no original. “*Vá ao Oeste, jovem, e cresça com o país.*” (N.T.)

⁷ *Zusammenwachsen* no sentido de crescer para formar uma unidade. Metaforicamente no sentido de integração. A ênfase de palavra é do tradutor (N. T.).

⁸ Guerra Franco-Índigena (1754-1763) entre a Grã-Bretanha e a França na América do Norte (N.T.).

estado jovem pressionou com tanta força para além das Montanhas Allegheny⁹ e em direção ao Mississippi, que Roosevelt expressou a opinião de que o Oceano Pacífico poderia ser alcançado por esse povo vigoroso e crescente sem a participação de um só imigrante.¹⁰

Aqui entra em consideração a situação geográfica, que deixou aparecer o espaço da metade de um continente mais transponível do que de fato era. A América do Norte se representava como uma grande ilha que era banhada pelo Oceano Atlântico, o Golfo do México e o Oceano Ártico. Os istmos estreitos da Mesoamérica, que formam a ligação com a América do Sul naquele tempo, não tinham peso na relação econômica nem na política. A experiência histórica de que países delimitados naturalmente sempre se formam mais facilmente como unidades econômicas e políticas na nossa imaginação do que aqueles que se fundem sem fronteiras com outros, como a Europa Central no Leste Europeu e o Leste Europeu na Ásia, também se comprovou na América. O Golfo do México e o Oceano Pacífico: esses eram dois destinos de maior determinação aos quais se devia aspirar, e nos quais as melhores e mais simples fronteiras a serem pensadas foram postas pela própria natureza. Assim, a situação geográfica desenhou a grande tarefa política do estado crescente, com tal segurança e simplicidade no globo terrestre como nunca tinha existido na história. Com isso, o espaço aberto¹¹ entrou na consciência daqueles que o iriam povoar e dominar, e finalmente na consciência de um povo inteiro. Apenas assim, torna-se compreensível a obviedade de um plano tão grande como aquele que Jefferson já tinha esboçado em uma carta para Short¹²: delimitar as esferas europeia

⁹ Cadeia de montanha (nome indígena: infinito) e parte dos Apalaches, que até o século XIX eram consideradas impenetráveis devido a seu relevo acidentado e a sua vegetação arbórea densa (N.T.).

¹⁰ O sentido da frase não é claro. Provavelmente, Ratzel se refere à atitude americanista de Roosevelt, em busca de uma identidade americana em vez de um *melting pot* de diferentes culturas imigrantes. Assim sendo, a frase implica que os “americanos” seriam capazes de desbravar seu país e não um grupo específico de imigrantes. Para uma discussão sobre o mito do americanismo, veja Leroy Dorsey. **We are all Americans, pure and simple: Theodore Roosevelt and the myth of Americanism**. Tuscaloosa, AL: University of Alabama Press, 2007 (N.T.).

¹¹ No original *der weite Raum*, uma expressão que combina distancia, imensidão e abertura de espaços pioneiros para o povoamento (N.T.).

¹² Thomas Jefferson (1743-1826), terceiro presidente dos Estados Unidos, em carta a seu secretário, o diplomata William Short (1759-1820), em 4 de agosto de 1823:

“O dia não é distante quando podemos formalmente requerer um meridiano de partição pelo oceano que separe os dois hemisférios, no lado de cá, onde uma arma europeia jamais será ouvida, nem uma arma americana no outro lado; e quando, durante a raiva das guerras eternas na Europa, o leão e o cordeiro, dentro das nossas regiões, deitarão juntos em paz, o excesso de população na Europa e o desejo pelo espaço, resultam em guerra, na sua opinião, necessária para manter o excesso de números baixo. Aqui, o espaço é abundante, a população esparsa e paz é o meio necessário para produzir homens para quem o solo redundante está oferecendo os meios de vida e felicidade.” (H.S. Randall. *The Life of Thomas Jefferson*. Volume 3. Philadelphia: J.B. Lipincott & Company, 1865, p.472) (N.T.).

e americana por um meridiano e compará-las, a primeira como um continente com falta de terra e a segunda como aquela que goza de abundância de terra. Pode-se ver nisso a semente, pela qual brotou a doutrina de Monroe¹³. Em todo caso, ele mostra quão cedo mentes grandes também se deleitaram com sensações alegres nos seus esboços políticos para planejar no [espaço] aberto e amplo. A respectiva ação também não deixou de esperar. No tempo certo para a solução mais rápida das tarefas de vencer o espaço, apareceram as vias férreas das quais a primeira já tinha sido construída em 1827, ou seja, mais cedo do que na Alemanha e na França. Elas deixaram crescer imensamente a sensação da grandeza e importância dessa tarefa.

A frase popular “As vias férreas diminuem a Inglaterra e ampliam os Estados Unidos cujo espaço [os pioneiros] tornaram aproveitável” expressou a clara compreensão das consequências desse meio de transporte. A submissão do Extremo Oeste, econômica e politicamente, progrediu com passos largos. Primeiro, as pessoas se mudaram rumo ao oeste, pois, como os “Pioneiros” de Fenimore Cooper¹⁴, não aguentaram as clareiras nas florestas e o barulho do martelo do ferreiro e sentiram a sua liberdade comprometida, quando num raio de dez milhas estava assentado outro colono; a eles seguiram as pessoas para as quais os milhões de quilômetros quadrados do oeste livre se subdividiram em meros hectares de campos de trigo e pastagens. Mas o que voava na frente de ambos, aladas por uma força viva de imaginação política, foram a compreensão e a visão pela necessidade de espaços amplos e de boas fronteiras naturais para povos em crescimento. A aquisição da Louisiana, isto é a Bacia do Mississippi do mar até as nascentes, já foi alcançada em 1803, se opondo às diversas contradições dos míopes, por estadistas que tinham essa visão. Isso dobrou a área com um golpe e deixou-a crescer em 2,3 milhões de quilômetros quadrados. Essa, portanto, não foi a sua maior consequência, mas foi, por cima, o abandono do pensamento de traçar as fronteiras do jovem país no Mississippi. Não era fronteira, mas veia de vida e linha central natural! Desta maneira, também foram apontados ao mesmo tempo os caminhos para além do

¹³ Referência à (mal-)afamada doutrina de 1823 do presidente estadunidense James Monroe (1758-1831), que definia a separação das esferas de influência dos Estados Unidos e dos poderes europeus e abriu, ao mesmo tempo, o caminho para políticas territoriais expansionistas no hemisfério oeste (N.T.).

¹⁴ James Fenimore Cooper (1789-1851), escritor americano popular, autor de romances sobre a construção do mito da fronteira do oeste e a vida dos pioneiros. Entre as obras estão os cinco romances dos Contos de Meia de Couro (*Leatherstocking Tales*) A obra mais famosa é *O último moicano* (1826) (N.T.).

Mississippi para o oeste. De fato, já se seguiram as expedições de pesquisa de Long, Pike e companheiros¹⁵ que não apenas mostraram à América, mas ao mundo, o que era o oeste da América do Norte. Assim sendo, a posse da Califórnia e a obtenção de uma linha costeira extensa no Pacífico, [que aconteciam] uma geração e meia depois, foram apenas uma continuação do movimento que conquistou a Louisiana e a costa do golfo. Naquele tempo, Ralph Waldo Emerson¹⁶, o visionário da Nova Inglaterra, advertiu os legisladores que faziam as leis para um país entre o trópico e os campos de neve: cuidem para que a grandeza dessa natureza esteja nas suas obras. Ele representou nessas lutas com o espaço a reclamação das almas que não podem ser satisfeitas com territórios, ouro ou trigo.

Logo depois, a tentativa dos estados do sul de se tornarem independentes, emergido duramente diante dos olhos em 1860, mostrou o perigo de dois estados em solo dividido no meio, os quais se observam e impõem ao outro o ônus de armaduras grandes, sempre dispostos a impedir e pressionar o outro; o perigo de múltiplas Américas significava a concessão da antiga fragmentação européia. E foi contra esse perigo em primeiro plano, que ameaçava a obra de um século, que o norte jogou seus exércitos que então conduziram uma guerra com grandes manobras que surpreendeu os estrategistas com possibilidades totalmente novas, porque também aqui seu planejamento e suas ações superaram as condições espaciais de lutas européias. Nesta luta persistente do norte em direção ao objetivo de “um continente, um país”, e não da libertação dos escravos, encontra-se a relevância da guerra de 1861-1865 para a história mundial. A partir da reunificação das duas metades que se soltaram uma da outra, está datada uma nova medida de tamanho para o estado e os povos; com isso, de fato, inicia-se a época dos impérios mundiais de dimensões continentais. A visão de que um MacKinley ou Hanna ou Dewey qualquer¹⁷, ou seja quem for mencionado, que de repente tivesse a idéia de conquistar Cuba ou as Filipinas, talvez estimulado pela fraqueza mostrada pelos

¹⁵ Zebulon Pike (1779-1813) foi um soldado e explorador do oeste americano. Na sua expedição em 1806-7 era um dos primeiros a chegar ao Colorado; Stephen Long (1784-1864), engenheiro e explorador, militar, realizou uma expedição ao Colorado em 1820, acompanhado de artistas e naturalistas, até os Great Plains (N.T.).

¹⁶ Ralph Waldo Emerson (1803-1882), poeta e filósofo americano que escreveu sobre transcendentalismo, individualidade e natureza (N.T.).

¹⁷ William McKinley (1843-1901), 25º presidente dos Estados Unidos, predecessor de Theodore Roosevelt que foi seu vice e assumiu o cargo após o assassinato de McKinley em 1901; Mark Hanna (1834-1904), político, senador e secretário da campanha de McKinley; Almirante George Dewey (1837-1917) participou da Guerra nas Filipinas, culminando com a vitória na Batalha de Manila Bay em 1898 (N.T.).

espanhóis em Cuba ou instigado pela tentativa da Alemanha de adquirir terras na China ou em Samoa, e que a semente do imperialismo foi plantada na alma americana nesse momento decisivo e brotou com velocidade maravilhosa, parece na luz dessa história como a fantasia pálida de uma cabeça sem conhecimento e visão de mundo. A tomada das Filipinas que, aliás, antecedeu a aquisição do Havaí, é apenas o último arranque daquele movimento para o oeste, composto de inúmeras jogadas audaciosas e sacrificantes, que se ergueu quando a primeira carroça de colonos da Virgínia ou dos alemães da Pensilvânia desceram das florestas elevadas dos Alleghanies para os vales ricos em grãos do Tennessee e Kentucky, rumo ao oeste então desconhecido. Quando Cooper, em 1828, no último dos seus romances de índios, deixou o velho Meia de Couro desaparecer na floresta no último caminho para o oeste, ele o chamou de “o mais avançado dos pioneiros que abrem o caminho para o comboio de nosso povo através do continente”; naquele tempo até um escritor de romances crescido no interior caipira entendeu muito bem o alcance desse movimento.

Nas cabeças dos estadistas ainda se mexia outro movimento para o oeste bem diferente, cuja natureza era que eles não parassem nas costas do Pacífico, e, de modo algum, se direcionassem à aquisição de terras. Um olhar para o Oceano Atlântico mostra a área dos Estados Unidos cercada pelos restos das propriedades inglesas, francesas e espanholas: a Ilha de Terra Nova, as Bermudas e Bahamas, Cuba e as demais Antilhas se estendem como uma cerca de armadilhas de peixe (*Reusenzaun*) na frente da terra firme da costa atlântica, postos de observação estrangeiros, bases navais e obstáculos de tráfego em número igual a ilhas. No oeste, por sua vez, o maior mar da Terra, ainda livre dos resquícios das antigas dependências até o outro lado nas costas do Japão e da China. Não surpreende que já nos anos vinte, os Estados Unidos tinham iniciado em relações mais estreitas com o Havaí e já, em 1824, tinham iniciado negociações com a Inglaterra sobre a região do Oregon, sendo que depois do fracasso, em 1846, eles estavam dispostos a lutar com armas pela continuação da sua fronteira no paralelo de 49 graus de latitude norte até o Oceano Pacífico, e pela abertura incondicional do Japão para o comércio do ocidente que, aliás, tinha sido obra dos Estados Unidos. O General Grant caracterizava essas relações transpácificas apropriadamente, em 1880, durante um pronunciamento em Tientsin, quando chamava a China e os Estados Unidos de “vizinhos mais próximos”. O leste da Ásia, de fato, não está posicionado em relação à América do Pacífico como antigamente a América do Norte em relação à Europa do Atlântico?

Esse pensamento em escala espacial grande não poderia ter se desenvolvido para a força dominante de uma grande etapa histórica, se as estimulações dos ambientes externos não tivessem caído em um solo bem preparado. A história conhece a fome pela terra que tem feito da crescente política colonial da Inglaterra uma especulação latifundiária em dimensões históricas globais, a partir dos povoados de pescadores da Ilha de Terra Nova e dos entrepostos comerciais na Índia. Isso é uma herança anglo-saxônica cujos primeiros elementos provavelmente já se sedimentaram nas almas dos homens, a partir da costa sul do Mar do Norte numa vista livre sobre as baixadas e o mar, que então realizaram sua primeira “posse de terra” na Inglaterra. Parcialmente, é a cobiça comum que pressiona para a apreensão de propriedade cada vez maior. As disputas entre as reclamações de indivíduos pelas terras, que, como expressa um historiador australiano, se baseiam na conquista, na confiscação, compra ou fraude e no governo que representa os interesses das gerações vindouras de colonos cultivadores da terra são a espinha dorsal da história de todas as colônias anglo-celtas. Mas, o cultivo honesto também precisa de um espaço mais amplo nos países jovens do que nos antigos. Isso já sabia George Washington que escreve numa carta do seu tempo de agricultor: aqui é mais rentável cultivar mal muita terra do que cultivar bem pouca terra. A ciência chama isso de redução do trabalho e do capital circulante sob o aumento do terceiro fator, o solo, sendo que em países, cuja população habita esparsamente, trabalho e capital também se distribuem em respectivos espaços amplos. A consequência natural é o deslocamento das fronteiras da sua própria propriedade até os pontos extremos: a repetição da expansão política na e com a terra econômica nas fazendas gigantes do oeste, ou de áreas cercadas do tamanho de principados, no caso dos criadores de ovelhas texanos ou californianos.

Seria surpreendente se esse sistema não tivesse se afirmado também em outros ramos da vida econômica. Os meios de transporte, que foram destinados à luta com o espaço, precisavam incitar desde o começo a dominação de amplas áreas a partir de um ponto central. O individualismo, que havia concebido que as supostas leis da competição de outros empreendimentos também se expandissem até os telégrafos e vias férreas, foi derrotado na luta com a política de ampla visão das grandes companhias, que compraram as linhas paralelas [dos concorrentes], em vez de baixar os seus próprios preços pela concorrência dos mesmos para o bem geral, assim juntando sistemas inteiros de vias

férreas e telégrafos, formando estados dentro do estado, mas inatingíveis pela lei, porque aqui a preferência da direção de uma posição só está na natureza da coisa. Quando hoje em dia a *Western Telegraph Company* abrange dois terços do oeste da área dos Estados Unidos, depois que mais do que cinquenta outras companhias que existiram antes haviam sumido, será que ainda se pode evocar a possibilidade de unificação de todas as vias férreas de uma área com semelhante chance de improbabilidade, apenas porque esse empreendimento seria abrangente demais? Nós não estamos tão longe da realização desse pensamento, desde que as principais linhas atlântico-pacíficas dependam de um único grupo financiador. A América do Norte britânica, normalmente estando bem mais atrás dos Estados Unidos no seu espírito de empreendedorismo, sozinha tem unido na rede da Ferrovia Pacífica canadense mais do que um terço das ferrovias do Domínio, e a ligação desse imenso sistema de vias férreas com a *Linha Empress*¹⁸ de navios a vapor que providenciam o trânsito entre Vancouver e o leste da Ásia no Oceano Pacífico expandiu sua influência em mais do que a metade de um hemisfério. E é também nessa direção que os trustes dos navios a vapor nos mostrarão empreendimentos de uma grandeza espacial jamais existente antes, que necessitam de um voo alto de imaginação empresarial para serem superados. É que o americano pensa também nos negócios com uma concentração na capacidade de pensar que costumamos apenas atribuir ao pensador especializado *per se*. Negócio é para ele uma arte e ciência, e ele se dedica a isso com uma disposição, com a qual nos dedicamos a um trabalho científico, e nela encontra a poesia de descobrir e decifrar. Portanto, esse espírito de negócios também transita para todas as outras atividades, a política, o exército, a frota, a arte e a literatura, e, não por último, para aquelas áreas fronteiriças da ciência onde a “unicidade do propósito” na sua perseguição cria grandes descobridores ou onde o trabalho organizado de escrita de um exército de escritores de excertos, assalariados, permite a elaboração de 34 volumes de fôlio sobre a história dos estados do lado do Pacífico, cujo último volume caracteristicamente possui o título “as indústrias literárias”.¹⁹ O beletismo também decaiu à empresa grande. Romances que se vendem em centenas de milhares não são uma raridade. O mais surpreendente nisso é a dificuldade, que os estrangeiros encontram para conhecer a razão desses sucessos. Pois as centenas de milhares apenas não impressionam o americano

¹⁸ Referência aos navios da empresa canadense *Canadian Pacific Ships*, cujas rotas de navios de Vancouver para o leste da Ásia operaram em conjunto com as ferrovias desde a década de 1880.

¹⁹ Referência a H.H. Bancroft. *History of the Pacific States of North America*. 34 volumes. San Francisco: The History Company, 1882-1890.

crítico, embora ele também compartilhe a queda por números grandes. Howells escreve no *Harper's Magazine* na primavera de 1901: Você queria ter escrito livros que vendem quinhentas mil [cópias]? Francamente: não. Mas preferiria escrevê-los a lê-los, seria mais fácil! Além desse fato seria permitido colocar a exigência de um grande editor: Deixe-me antecipar 60 por cento do preço para propaganda, e eu vou dar sucesso a todos os livros que o senhor escreve.²⁰

De fato, acontece que a amplitude espacial da opinião que age de uma maneira aspiradora, arrastadora e impulsionante a partir da terra nova e cria círculos cada vez maiores, desde as tomadas de posse de regiões de terra sem fronteiras, até as fantasias do presente sobre o domínio do mundo, se tornou uma parte fundamental do caráter do povo americano. Procura-se e estima-se a grandeza, também onde há apenas a grandeza externa da forma, do contorno, do volume, e a isso até está ligada à idolatria do bezerro de ouro, que, no Novo Mundo, para ser fiel à verdade da história natural, francamente cresceu para ser um filhote de mamute ou de mastodonte. O presidente Roosevelt determinou com a clareza de um estadista o valor desses ídolos, quando, na sua primeira mensagem do ano ao congresso em 3 de dezembro de 1901, disse: “Com o acúmulo de riquezas estão ligados abusos, mas a riqueza legalmente adquirida apenas pode surgir ao acrescentar ações benéficas a outros”.²¹ O povo deve muita coisa boa aos “capitães da indústria”, que levaram as vias férreas através do continente, construíram as indústrias e desenvolveram o comércio. Sem eles, o desenvolvimento dos interesses materiais dos quais nos orgulhamos não teriam acontecido.

Portanto, permanece um fato que uma crença cega no efeito salutar do que é grande e abrangente facilmente pode-se tornar uma perigosa superstição econômica e política. Mas, pelo menos uma vez essa crença não enganou, isso foi, quando viu resguardado com confiança o poder e a riqueza do povo crescente na imensidão do país; também provou o seu poder salutar na sua disposição para o sacrifício com a qual os Estados Unidos se opuseram contra a separação sulista do norte. Mas, desde então muitos fracassos grandes têm provado que instituições defeituosas não se tornam melhores ao se expandirem por vastas áreas. Foi justamente a escravidão que cavou a

²⁰ Referência a H.D. Howells. Editor's Study. *Harper's Magazine*, February 1901, p. 478-83.

²¹ Discurso sobre o estado da União do Presidente Roosevelt, proferida no congresso dos Estados Unidos.

sua própria cova quando permanentemente almejava incluir novas áreas no seu “sistema”. Desta maneira, ela se tornou a causadora das primeiras tentativas de uma expansão violenta que parcialmente tiveram sucesso, parcialmente fracassaram nas guerras pelo Texas e pela Califórnia, nas campanhas dos flibusteiros e nos ataques [aos povoados] de São Domingos entre outros. Ainda agora os representantes apaixonados da política de expansão esquecem que a preservação do costume até então vitorioso dos norte-americanos será impossível sob horizontes celestes diferentes e dentre outras raças. É estranho que justamente na América do Norte, as leis do desenvolvimento individual que também valem para outros povos são assim ignoradas! Mas, a lisonja mais doce, tão doce que quase leva à expressão lírica, é aquela do próprio povo pelo qual louvamos a nós mesmos, aos nossos [familiares], a nosso passado e nosso futuro; a autocongratulação mais abrangente que pode ser possível em geral. Não surpreende que nem as mentes mais importantes estão escapando desse aturdimento! Ele já é preocupante na Europa onde engana os povos sobre seu valor e sua função verdadeira através de frases de uma arrogância superficial, que se torna bem mais perigosa como a lisonja demagógica das massas nos Estados Unidos. Essa massa impressiona sim, ainda que a história dos Estados Unidos justamente convida a deixar de lado a fala hipócrita sobre as massas que são brutas, lerdas e inacabadas e frequentemente se prejudicam a si mesmas nas suas necessidades (Emerson). Esse respeito diante do tamanho da massa também está no “fatalismo da massa” como se tem chamado a submissão obediente sob a decisão das urnas eleitorais. Uma votação surte um efeito como um destino inevitável ou uma força natural contra a qual não há apelação. Também um tipo de superstição! O indivíduo some nisso; ele pode ser comparado a um dos milhões de cristais de um fluxo de lava que, seja quão cortantes seus lados e pontas formadas, segue o fluxo do todo sem vontade e apenas se torna indivíduo de novo quando a força da corrente para.

Volto mais uma vez à natureza [do povo]. O otimismo anglo-celta, que é a alma da capacidade incrível e persistência que estão se comprovando mesmo sob as condições mais adversas, ainda cresceu no povo americano devido ao privilégio favor da sua posição [geográfica] e suas fontes de suporte. Isso não é mais apenas um superávit de força vital, mas se tornou um princípio que guia a vida como se ela sempre levasse à luz e ao sol, sempre para frente, sempre para cima. Ainda que as grandes decepções não o tenham poupado quando firma alianças questionáveis com a mentira e a fraude e, no caso dos tolos, se degenera em crença leviana ridícula e perigosa, ainda assim permanece uma

força na construção de novas sociedades e estados. Observe-se o contrário disso: A sensibilidade e as críticas mesquinhas dos franceses, que mesmo depois das grandes realizações dos seus fundadores de colônias e pesquisadores viajantes na África ainda duvidam da sua própria capacidade de colonizar e se chamam de povo sedentário, temendo que as experiências dos reinos coloniais da França na Índia, Canadá e na Louisiana se repetissem, onde faltaram à brilhante equipe dos conquistadores e estadistas os exércitos de colonos que iriam empurrar [a colonização] para a frente. Os alemães infelizmente também possuem demais dessa herança de um passado estreito. Os alemães e franceses carregam nesse criticismo e vacilo, que paralisa as suas decisões, um verdadeiro traço de velhice na sua fisionomia. Mas, isso felizmente distingue a personalidade de um povo da de um indivíduo para que ela não cambaleie em direção à velhice sem salvação. Os povos são capazes de um rejuvenescimento, e nós mesmos não precisamos desistir da esperança de que possamos reconquistar algo da perspectiva ampla, livre e esperançosa direcionada para o avanço nos maiores lugares de acontecimentos, que atritos e chateações políticas, religiosas e de outra natureza, que procuram atrofiar a pátria que se tornou pequena demais. Na história dos povos, o futuro também pertence à juventude e àqueles que permaneceram jovens. Pode-se comparar o desbravamento alegre e esperançoso dos espaços amplos, que é uma vontade de aço para a mente que pertence totalmente ao nosso tempo, com o medo do espaço que desarmava o homem da antiguidade e da idade média, que apenas se rastejava timidamente de promontório a promontório até a costa e ficou parado também nas margens das grandes planícies do norte e do leste, apesar da abundância do poder político e do patrimônio cultural, para além das quais nem o Império Romano tinha movido as suas fronteiras. Raramente, um espírito aventureiro avançava até a Índia ou a China; em geral, deixava-se a realização das trocas indispensáveis para os comerciantes intermediários. Será que é demais quando se concebe o sentido do espaço amplo, em face dessas diferenças, como a característica do homem e do povo que existem e vivem inteiramente nesse nosso tempo e, segundo este, querem agir e atuar nele? O valor histórico da América do Norte pode parecer pequeno diante do Egito ou de Roma; mas também é valor histórico o que se apresenta na nossa frente com uma juvenildade na personalidade de um povo nunca existido antes. Nossas ideias daquilo que um povo faz e pode ser sofrem correções, parcialmente elas se ampliam; mas às vezes também podem ser decepcionadas.

O provérbio *Put the right man in the right place* [coloque o homem certo no lugar certo] perde na América o caráter de um lugar-comum desgastado; é a convicção de que aqui os homens certos têm sido postos no solo certo que eleva o mesmo [provérbio] a uma verdade histórica. Nenhum povo poderia ter aproveitado justamente essas condições de vida tão completamente como aquele formado na América do Norte originado de elementos europeus ocidentais e centrais sob a influência predominante dos anglo-celtas. Depois que a história do mundo tinha realizado seus experimentos com todos os povos nos mais diversos campos, ocorreu que na América do Norte o mesmo tipo de solo, como já se tinha comprovado brilhantemente na Europa, foi ocupado por homens pelos quais justamente as influências desse solo conseguiram tirar muito mais do que dos anteriores. Qualquer solo colonial deixa os homens que o pisam alcançar mais seguramente a finalidade da sua existência; por isso, a história colonial é o teste para a vocação dos povos. Então foi nesse solo que parou um povo para cujo desenvolvimento o mesmo [solo] podia contribuir mais do que para os anteriores; pois tem a predisposição de habitar com um entusiasmo no desafio do amplo espaço de pensamento criativo como nenhum outro povo igual, e ao mesmo tempo a capacidade de concentração em determinadas tarefas da vida prática ultrapassando aquilo que chamamos de dedicação. Quando o sentido prático do americano, livre de lembranças bloqueadoras e retrospectivas que não pertencem à coisa, influencia ininterruptamente, ainda que despercebidamente em todos os movimentos da vida, caustica ao mesmo tempo tudo que é redundante, ou mais forte ainda, sem finalidade, e deixa sobrar instalações maravilhosamente bem adaptadas. Também pode se citar a melhora de ferramentas mais simples como o machado e a machadinha, que não pareciam estar sujeitos a melhoramentos depois de uma estagnação de milênios, de forma análoga à formação de uma relação ou não-relação entre estado e igreja, que é surpreendente [no caso americano], quando se pensa nos começos teocráticos das colônias cuja lei maior era a Bíblia. Nos últimos anos, especialistas ingleses têm realizado investigações extensas e minuciosas sobre a causa da expansão da indústria de ferro e aço americana; eles também, depois da listagem de todas as causas naturais, reiteram o *human factor* [fator humano]. “Se o alto-forno americano produz mais do que o nosso, se as fábricas de aço americanas são mais bem equipadas, as máquinas de ferramentas mais eficientes, as usinas elétricas superiores, então seja aonde nos dirigirmos, encontramos o *human factor*, em resumo, o caráter.” O inglês descobre então primeiro a desvantagem que deu aos sucessos simples de antigamente à indústria de ferro e aço inglesa; mas quando vai mais fundo, ele

encontra a facilidade maior que o industrioso na América possui para se valorizar e garantir seu sucesso. Primeiro ele apenas viu as grandes associações e fusões, os trustes e monopólios; no final, ele reconhece a forte individualidade que serve a esses poderes. Mesmo que na América o indivíduo, que vê a sua liberdade de agir e de se movimentar impedido pelos monopólios, se posiciona como inimigo contra o truste – no fundo é o seu próprio individualismo que é a semente da qual esses [monopólios] brotaram. A confiança incondicional que a ação de cada um, sem impedimento do estado, possa provocar o melhor para todos, levou à dominação dos indivíduos fracos pelos indivíduos fortes. O futuro mostrará se o desenvolvimento de muitos desses [fortes] poderá ser um substituto suficiente para o declínio de muitos daqueles [fracos].

A floresta norte-americana é mais rica em formas do que a do centro e do leste da Europa; mas as figuras arbóreas imponentes e independentes, nosso carvalho, nossa faia e tília de muita idade, não estavam aí presentes originalmente. Com essas árvores apenas se pode comparar as árvores, que pela sua natureza crescem lá separadamente ou em pequenos grupos onde a floresta densa passa para a “paisagem de parque”, que põe um largo cinturão cheio das mais belas impressões de vegetação entre floresta e pradaria. Aqui as árvores individuais têm luz e ar para um desenvolvimento completamente livre que deixa formar cada galho e ramo para a sua particularidade plena. Com eles é que comparo os homens que, nesse mesmo solo, encontraram o espaço que é preciso para um crescimento saudável; desenvolveram-se independentemente como nunca teria sido possível nos países e cidades densamente povoados da Europa antiga. Externamente, eles não devem se distinguir muito de outros homens do mesmo nome, enquanto se encontram em repouso; mas é na ação que eles mostram a liberdade sob a qual cresceram. Para eles, acima de tudo, vem o direito do indivíduo e da sua casa, e nisso tão frequentemente se esquece do estado. Em lugar nenhum, aquele [direito] está tão fortemente organizado, mas em nenhum lugar foram ignorados o efêmero da existência individual e o direito das gerações que virão, cuja preservação seria então tarefa do estado.

Fala-se muito do poder nivelador e equilibrante da democracia que, sem dúvida, também é eficiente na América. Contudo, a natureza também providencia que líderes que se sobressaem da massa também se formam lá [na América do Norte], deixando que as sementes de energia e poder de governar, que estão na raça, possam se desenvolver tão

diferentemente na luta com os desafios do espaço, em comparação ao empurra-empurra de um país [espacialmente] limitado. Pense-se nos movimentos de emigração para o oeste, cujas centenas de participantes misturados coloridamente por todas as idades e posições, apenas conseguiram se manter unidos para serem levados até o seu destino graças a líderes determinados e enérgicos que reinavam como Moisés. As baixezas e ações ridículas do movimento dos mórmons²² estão contrapostas à viagem dos 10.000 homens, mulheres e crianças de Illinois até o Utah de hoje, em 1846, como uma das realizações mais imponentes de perspicácia e energia para superar o espaço. A grandeza de Clay, Lincoln, Grant e de outros “oesteiros” (*Westerlinge*) mal surpreende o conhecedor da história dos Estados Unidos, que já tinha visto aparecer Washington e Franklin como homens certos no tempo certo na Guerra da Abolição, como também não é possível se queixar, nas décadas anteriores, de uma história colonial aparentemente pouco marcante, da insuficiência das mentes e das energias diante das árduas tarefas de tornar a terra cultivável, da fundação de cidades e estados, das guerras indígenas, das disputas religiosas, etc. Justamente isso pode ser chamado com segurança de uma característica em destaque desse povo desde os seus começos até o presente, que ele, a qualquer tempo, produziu personalidades cuja força peculiar lançou efeitos excelentes em todas as áreas da vida desde o cultivo de trigo até a filosofia. Povo nenhum é menos gregário. Ainda que todos vistam roupa nanquim azul, como nos conta O. W. Holmes nas suas lembranças da escola, “tecido chinês em cores turvas que faz lembrar as tabuletas escolares de xisto com as quais fizemos cálculos”, ou quando um mesmo lema político está na boca de todos, como acontece, sobretudo, entre os fazendeiros trabalhadores duros do oeste e sul, que apenas nos raros momentos de ócio invernal dão uma audiência aos seus pensamentos próprios, enquanto eles, no entanto, para não perder o costume, entalham lascas de madeira – permanece cada um para si, e em cada massa de povo, que se expande tão monotonamente como a pradaria, estão as sementes de carvalhos resistentes aos furacões que nas tempestades da história do mundo, pela surpresa das relvas que sempre serão relvas, se esticam em direção ao céu.

Ainda que eu ignore esses indivíduos, o individualismo americano se levanta igual a uma montanha das baixadas de toda vida cotidiana. É largo e comum na sua base, mas

²² Fugindo da perseguição religiosa no leste dos Estados Unidos, mais do que dez mil seguidores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias migraram para o oeste do país ao longo de uma rota conhecida como Trilho dos Pioneiros Mórmons entre 1846 e 1868.

a luz clara e calorenta do ideal sopra em torno do seu cume. Assim, das profundezas do egoísmo onde ele não se distingue de outras vulgaridades comuns a todos os homens, ele ascende à altura de onde Ralph Waldo Emerson, olhando para baixo, anuncia o ensinamento kantiano da unicidade e soberania da personalidade. O que é para ser natureza em geral, ele [Emerson] deixou na dúvida; contudo, estava firme a sua convicção de que aquilo que a natureza possui como forças em reserva deve ser destinado para estimular e formar seres inteligentes. Sua tarefa não é outra a não ser o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da individualidade. Nesse espírito, ele escreveu seu belo discurso [intitulado] “Autossuficiência” (*self-reliance*), que se pode chamar de um programa para a educação de um povo que busca sua grandeza no maior número de indivíduos independentes. Naquilo disse ele: “Existe um tempo no crescer de cada homem, quando ele chega à convicção de que apenas a ignorância tem inveja, que a imitação é suicídio e que ele precisa se tomar como parte que ele é para o bem e para o mal e que, ainda que o universo esteja repleto do bem, nenhum pequeno grão de nutriente pode entrar nele, a não ser por força do trabalho laborioso no pedacinho de terra, que lhe foi concedido para o cultivo.” Que gênio sério é esse, cuja cultura está sendo pregada aqui: Estar convencido no fundo do íntimo do seu coração de que deve ser verdade para todos, o que lhe parece verdadeiro: isso é gênio. Isso significa em outras palavras: a convicção mais profunda e mais verdadeira é gênio.

No entanto, convicção também é ação; justamente nisso é que ela se segrega da crença. A formação da razão na educação americana certamente acontece frequentemente às custas da sensação, mas também nunca às custas da vontade. A sociedade americana formada também possui seus “intelectuais”; contudo, esses não são as vítimas do abuso continuado da atividade de pensar, como nos narra Paul Bourget²³ sobre a sociedade parisiense, os quais também encontramos na sociedade alemã como devotos de Nietzsche, sem juventude e ações, e fofoqueiros da arte em geral; eles são pessoas de uma frieza repugnante do raciocínio, uma supressão proposital dos sentimentos, mas com uma reserva de força de vontade que quase nunca falta. Por isso, eles se distinguem dos seus companheiros do mundo antigo e, justamente por isso, ficam ainda juntos com o povo e o estado, quando aqueles atrofiam política e socialmente sem ação. Os intelectuais daqui pecam pelo outro lado: ao seu sobrepeso de saber-fazer externo adquirido cedo

²³ Paul Bourget (1852-1935), escritor e poeta francês.

está ligado o descontentamento, o que se mostra frequentemente no decorrer do tempo na impressão de obras americanas de literatura e arte, nos discursos dos políticos e de outros retóricos e, finalmente, mesmo nos editoriais, ainda que a nossa primeira sensação tenha sido bem diferente. Ocorre mais frequentemente que nós nem conseguimos descobrir o objetivo de uma cadeia causal, a graça de uma narração, a finalidade de uma alegoria, ou os encontramos totalmente fora da relação com os meios usados. É como a noz americana, que esconde uma castanha insignificante em baixo de uma casca dura, fora do comum. O contrário disso é a minúcia alemã, que simples e honestamente trata a castanha como castanha e a casca como casca. Aqueles homens de alto espírito da Nova Inglaterra reconheceram isso cedo que, nos rastros de Ticknor e Bancroft²⁴ desde o começo do século XIX, frequentavam as universidades alemãs e fizeram tudo para remodelar as suas faculdades em casa conforme os padrões alemães. “Fazer as coisas por elas mesmas” lhes parecia o cerne da concepção alemã sobre trabalho científico. A contemplação objetiva do mundo que aprenderam de Goethe tinha o efeito de um banho refrescante para a superficialidade e vulgaridades do pensamento inglês das mentes cansadas. Carlyle²⁵ os influenciou muito fortemente, porque era diferente; e se tornou diferente devido às influências alemãs. Ainda hoje, as características dos alemães, às quais os anglo-americanos apelam, são a minúcia honesta e objetividade, ambas ligadas ao sentido de liberdade e às vezes também à superioridade mental. Quando hoje em alguns lugares da América, [alguém] se opõe à influência alemã no sistema de educação, é devido admitidamente ao medo de que o contato com a vida prática e as próprias formas da vida poderiam sofrer sob essa ambição de apenas registrar a essência das coisas. O *gentleman* é contraposto ao *scholar* (acadêmico). Seja como terminar essa luta, o espírito americano sempre está posto em frente do espírito inglês como o mais livre e mais natural e sempre estará mais aberto às influências vindas de fora.

A literatura norte-americana criou as suas obras com a mesma audácia criadora inconsciente, que interfere com energia renovada, e com a certeza de nunca tirar um bilhete não premiado, aquela mesma [audácia] para a qual as constituições dos pequenos estados e a constituição do estado federal cresceram tão seguramente na mão que

²⁴ George Ticknor (1791-1871), historiador, tradutor e hispanista americano que estudou na Alemanha entre 1815 e 1817. George Bancroft (1800-1891), historiador e estadista americano estudou na Universidade de Göttingen e fundou a Academia Naval dos Estados Unidos em 1845 (N.T.).

²⁵ Thomas Carlyle (1795-1881), historiador e escritor escocês, especialista em literatura alemã.

Gladstone²⁶, com o seu exagero *gladstoniano* natural, declarou a última obra mais admirável que a mente humana tem cogitado para determinada finalidade. Ela [essa audácia] nem expressa o fardo da tradição antiga, nem a consciência de que Shakespeare e Milton tinham escrito antes na mesma língua. “Quando o tempo se completou”, apareceram à luz obras entusiásticas de videntes e pregadores religiosos naquele século, quando os religiosos lideraram, ou quase se diz, dominaram a vida intelectual, e quando o tempo quis, Jefferson e seus companheiros escreveram artigos políticos de uma determinação e clareza surpreendente para o *Federalist*.²⁷ E quando finalmente tinha crescido um mundo [uma cultura] de leitura, que tinha ócio para poemas e romances, americano nenhum repetia aquela frase tola que dizia que é apenas a história, é a alma da paisagem, mas ele sentiu que uma alma, a *sua* alma, era suficiente para animar um mundo inteiro quando for forte o suficiente para irradiar o seu calor e clara o suficiente para unir em si os raios que vêm de fora, e assim se criaram descritores da natureza que deram a refletir aos esteticistas do velho mundo.

A alma anglo-celta sempre tem estado aberta às impressões da natureza externa, tanto [às impressões] tangíveis, quanto ao sopro invisível do humor, bem mais aberta do que algumas outras. Tanto os estudiosos da natureza como os poetas ingleses que anunciavam a beleza e os segredos da natureza pertencem aos primeiros e maiores. Já nas poesias antigas dos anglo-saxões vive um sentimento da natureza que os antigos poetas da Alemanha não conseguem mostrar. E quando os holandeses do século XVII, com as suas pinturas de paisagens, fizeram a descoberta da poesia da paisagem solitária sem adereços e da língua maravilhosa das dunas silenciosas, das nuvens e das superfícies reflexivas, [John] Milton, ao mesmo tempo, deu palavras a um sentimento da natureza tão profundo - só quero lembrar *Allegro e Penseroso*²⁸ - como poeta nenhum igual na língua alemã. J. Fenimore Cooper, cujos romances sobre índios e lagos pertencem às primeiras obras notáveis da jovem literatura norte-americana, só é grande nas suas descrições das florestas, pradarias e mares, mas nisso, ele é um grande descobridor; para poder descrever essas florestas, pastos naturais, rios e lagos de uma maneira tão cativante não apenas é preciso de tê-los visto, mas também de tê-los sentido; não são os

²⁶ William Gladstone (1809-1898), político e estadista inglês. (N.T.)

²⁷ Coleção de artigos escritos por políticos Americanos nas vésperas da ratificação da Constituição do país.

²⁸ John Milton (1608-1674), poeta inglês. *L'Allegro* (O Feliz) e *Il Penseroso* (O Pensativo) são poemas pastorais cerca 1631, (N.T.)

objetos novos em Cooper que nos prendem, mas a maneira como ele os apresenta. Neste aspecto, ele nunca vai ficar ultrapassado. Mas, esse sentimento da natureza também não está fortemente expresso entre os seus contemporâneos? Em Bryant é sentimental, em Whittier idílico, em Poe barroco, em Irving convencional; sempre há um canto verde ou um pedaço de céu nas suas obras²⁹, até que finalmente Ralph Waldo Emerson, fecundado pela filosofia natural alemã, expressou nos seus ensaios e poemas aquilo mais profundo, o que poderia ser dito sobre a natureza depois de Goethe, sobretudo no seu livro *Natureza que parte dos incompreensivelmente claros e amenos últimos dias de sol do Indian Summer*³⁰, “onde há uma santidade no mundo que brilha em cima das nossas religiões e que é uma força da realidade diante da qual o heroísmo encolhe.” Há algo da profunda e íntima compreensão da natureza de Jean Paul nesse poeta, mas até o seu sentimento da natureza é masculino; nada que derrete na alma, que sente a luz discreta da floresta outonal “vigorante como uma manhã constante, heroicamente”. A um homem como Thoreau³¹, cuja alma estava igualmente aberta tanto para os maiores aspectos como para os os menores detalhes na natureza e a cuja força descritiva pertencia a algo totalmente novo e natural, podemos contrapor o artista e filósofo Heinrich Noé, que ainda tem a vantagem alemã de uma diversidade e naturalidade livre. Thoreau, portanto, não tem a vantagem como artista, mas como ser humano que interferiu e agiu vigorosamente na luta contra a escravidão. Contudo, para *My Summer in my Garden* de Warner³², eu não saberia apontar uma contraparte alemã, ainda que esse humorista, que cuidava de jardins, não de verduras, - para criar pétalas morais da humildade e da indiferença -, pudesse ser um descendente de Adalbert Stifter.³³ Aliás, Lowell³⁴, crítico-satírico também nos apresentou seu livro *My Garden Acquaintance* e inseriu seu *A Good Word for the Winter* com um humor fino próprio dele, que tem sido pensado e sentido na sua amizade masculina com a natureza de uma forma mais alemã, ou digamos, germânica possível.

²⁹ Aqui, Ratzel ostenta seu conhecimento da literatura americana. Nessa passagem, ele se refere aos poetas românticos William Cullen Bryant (1794-1878) e John Greenleaf Whittier (1807-1892) e os escritores Edgar Allen Poe (1809-1849) e Washington Irving (1783-1859) (N.T.).

³⁰ *Indian Summer* é semelhante ao veranico no Sul/Sudeste do Brasil e designa um período quente e seco que ocorre fora de época, geralmente, no outono (N.T.).

³¹ Henry David Thoreau (1817-1862) escritor e poeta americano, famoso pelas suas escritas sobre a natureza e a vida simples e desobediência civil (N.T.).

³² Charles Dudley Warner (1829-1900), escritor americano (N.T.).

³³ Adalbert Stifter (1805-1868), poeta escritor austríaco que se destacava pelas descrições da natureza nas suas obras.

³⁴ James Russell Lowell (1819-1891), poeta americano (N.T.).

O humor não é pensável como uma manifestação permanente; ele só pode ser uma vista do sol em céu nublado, um cintilar dourado no topo de cumes nevados graves, uma iluminação leve e uma rugosidade que ambula através de um lago profundo sóbrio [/calmo]. É um pouco diferente no caso da fonte desses raios de luz e dessas efusões de calor repentinos; essa tem que continuar e, no ademais, precisa estar posta em baixo, pois se as tempestades da vida conseguissem mexer nela, ela não seria a fonte do humor. Quando então o ianque se compara com os seus *huckleberries*³⁵, que não são muito doces, mas condimentados, porque resistem ao sol e ao frio e tiram alimento rico de um solo pobre, ele acertou com essa comparação a mistura saudável do humor americano. Não procuro o mesmo no brincalhão, que tem um papel tão grande na literatura americana corriqueira, para a qual ele é quase tão necessário como o palhaço no circo, ainda menos [o procuro] entre os escritores que fazem todo esforço para me fazer rir. Céu e terra ficam entre o *funny man* e o humorista verdadeiro, que posso encontrar em toda parte, onde se espelham ao mesmo tempo a grandeza e a pequenez do mundo e do homem no olhar de um poeta, e o pequeno por isso não some diante do grande, mas apenas é visto ainda mais brando e carinhoso. Que benção esse humor, numa vida tão dura! É muito mais do que uma curiosidade literária; igual ao sentimento profundo pela natureza em que se arraiga, esse [humor] também é um fato prático e político entre os germânicos; quero dizer, é uma força. A sua grande capacidade de se sentir em casa em qualquer lugar do mundo tem nisso uma forte raiz. O povoador germânico aguenta a solidão da vida do colono nas florestas remotas ou nas vastas estepes mais facilmente do que o romano, sobretudo do que o francês que, longe da França, tão facilmente cairia na melancolia de qualquer maneira. O duro e rígido ermo, que domina a floresta de eucalipto pobre de sombra dos poemas de Gordon³⁶ e de outros australianos, nos soa como melancolia, mas também há muito para reconciliar; pois, tornada um poema, essa impressão finalmente também se levantou à poesia que até doura as finas copas cinzento-azuis dos eucaliptos. O que seria da literatura norte-americana sem o sentimento profundo pela floresta, pela água e pela paisagem? Parece-me ainda mais importante a [seguinte] pergunta: Será que os americanos seriam unos com o seu país e tão grande e forte nessa união sem ter esse entrosamento com a natureza?

³⁵ Uma espécie de mirtilo norte-americano. (N.T.)

³⁶ Adam Lindsay Gordon (1833-1870), poeta australiano. (N.T.)

Como em todas etapas da nossa consideração se opõe aqui também a interligação entre as características da natureza do povo e as influências do ambiente. Uma literatura anglo-americana de grandes traços peculiares apenas surgiu na América. Em outras línguas também, cresceu uma ou outra poesia nesse solo, sobretudo sentimental, quando expressa a saudade da sua antiga terra, não negando de modo algum o conteúdo novo do mundo novo. Contudo, raramente se encontra nela a força de manifestação original do país materno. Essas são literaturas que ficam atrás. Os alemães continuaram poetizando nos modos de Heine e Herwegh³⁷, os crioulos da Louisiana³⁸ e os franco-canadenses ainda são clássicos ou românticos. Muito mais a literatura americana mostra mais claramente a capacidade de *Sichineinsleben*³⁹ de um povo jovem com uma grande natureza. Essa mesma [capacidade] deve estar localizada num dom da alma de um povo de se levantar e crescer até a grandeza do seu ambiente. E julgo ver aquilo, que Taine⁴⁰ teria chamado de *faculté maitresse* (faculdade-matriz) da alma do povo.

³⁷ Heinrich Heine (1797-1856) e George Herwegh (1817-1875), poetas políticos e revolucionários na Alemanha da primeira metade do século XIX (N.T.).

³⁸ *Kreolen* no original. Na história do Brasil, a palavra crioulo designava um escravo nascido nas Américas. Portanto, aqui, Ratzel se refere a descendentes europeus (colonizadores espanhóis e franceses na Louisiana) que nasceram no Novo Mundo (N.T.).

³⁹ Termo difícil de traduzir. Literalmente, viver para se tornar um ente só com outro, neste sentido, o povo com a natureza. Transmite a ideia de se integrar ou metabolizar com a natureza (N.T.).

⁴⁰ Hyppolite Taine (1828-1893), historiador e filósofo francês que propôs fatores condicionantes para a existência humana: (meio) ambiente, nação, situação (geográfica?) e tempo (N.T.).